

EDUCAÇÃO

CONTINUADA

Educação, Tecnologia e Sociedade



Revista Educação Continuada

Educação, Tecnologia e Sociedade

São Paulo-SP, V.2 n.1, dezembro 2020

Conselho Editorial

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva
Prof. Dr. Flávio da Silva
Profa. Me. Jonathan Estevam Marinho
Me. André Santana Mattos

Comissão Científica

Prof. Dr. Flávio da Silva
Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho
Prof. Me. Marcos Roberto dos Santos
Profa. Esp. Maria Aparecida Alves Xavier

Edição Geral

Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho

Direção Institucional

Prof. Me. Enésio Marinho da Silva

E24

Revista Educação Continuada (Eletrônica) / [Editor Chefe] Prof. Me. Jonathan Estevam Marinho - Vol.2, n. 1 (Dezembro 2020) - CEQ Educacional - São Paulo (SP): Editora CEQ Educacional, 2020

66p.: Il color

Mensal

Modo de acesso: <<http://www.educont.periodikos.com.br/ed/5f60f8f20e8825522cc2702d>>

ISSN 2675-6757 (On-line)

Data de publicação: 23/12/2020

1. Ciências Humanas; 2. Educação; 3. Tecnologias de Aprendizagem;

I. Título

CDU 37/49
CDD 372.358

Bibliotecário Responsável: Emerson Gustavo Nifa | SP-010281/O

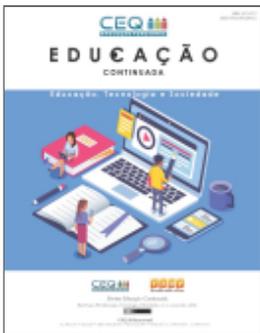


CEQ Educacional

R. Airi, 20 • Tatuapé • CEP: 03310-010 • São Paulo-SP • Telefones: 11 2546-7326 | 11 2841-2411

EDUCAÇÃO CONTINUADA

Sumário



V.2(n.1), 2020 dezembro (História, Educação e Sociedade)

Nesta segunda edição, a revista **Educação Continuada** busca abordar algumas perspectivas históricas no contexto da educação e da formação social.

ARTIGO CIENTÍFICO

p.05-18

THEATRO SÃO JOSÉ: A SÁTIRA DE SUA CONSTRUÇÃO E A INAUGURAÇÃO EM 1864

ADRIANA ZENEZI

p.19-31

O PAPEL DO DIRETOR ESCOLAR NA FORMAÇÃO DO AMBIENTE DEMOCRÁTICO

KETELIN ZAROTINO SCHEID

p.32-47

LA PESTE DE ALBERT CAMUS EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

Larissa Patrício Campos de Oliveira

[PDF](#) [PDF](#)

p.48-57

DESINTERESSE ESCOLAR: FATORES E SOLUÇÕES

ODACIRA ZIN DA SILVA

ENSAIO

p.58-62

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS

ELAINE CAETANO DA SILVA

 PDF

RESENHA

p.63-66

RESUMO CRÍTICO DA NOVELA CORAÇÃO DAS TREVAS (CONRAD, JOSEPH)

Larissa Patrício Campos de Oliveira

RESUMO CRÍTICO DA NOVELA CORAÇÃO DAS TREVAS (CONRAD, JOSEPH)

Autora: Larissa Patrício Campos de Oliveira¹

RESUMO: Nossa breve análise tem como tema central a novela *Coração das trevas*, publicada em três partes na revista mensal britânica *Blackwoods' Magazine*, em 1899, com o título original *The heart of darkness*, e reeditada em 1902, no volume *Youth*, com algumas alterações, como a mudança do nome da obra para *Heart of darkness*. (ALENCASTRO, 2008, p. 155).

Palavras-chave: Joseph Conrad, Congo, imperialismo, floresta.

INTRODUÇÃO

Escrita por um polonês nascido em território que até 1918 era dominado pela Rússia, *Coração das trevas* traz em si reflexões e paradoxos do imperialismo oitocentista empreendido por potências europeias no “selvagem continente africano”, e, não obstante, revela-nos conflitos atemporais intrínsecos à racionalidade e à percepção humana.

Nesse sentido, Joseph Conrad traça em seu livro um painel sufocante e realista da exploração – ao que tudo nos indica, belga² – ao longo do rio Congo, apresentando-nos, sob a perspectiva de seu narrador-personagem Marlow, os métodos violentos e repressivos utilizados pelos colonizadores, sempre em nome da civilização e do progresso.

¹ Professora da Rede Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo desde 2013, é historiadora e mestre em Educação pela Universidade de São Paulo.

² A alusão ao Congo Belga se dá na indicação da cor amarela no mapa da África, a qual, de acordo com a cartografia da época, costumava assinalar a colônia de Leopoldo II: “A minha meta era o amarelo. Bem no centro” (CONRAD, 2008, p.20).

Um ligeiro ruído metálico atrás de mim fez-me virar a cabeça. Seis homens negros avançavam em fila, esforçando-se para prosseguir na subida. [...] Eu podia distinguir todas as suas costelas, as juntas de seus membros lembravam nós numa corda, cada um trazia uma coleira de ferro no pescoço e todas estavam unidas por uma corrente cujos grandes elos oscilavam entre os homens, chacoalhando ritmicamente. (CONRAD, 2008, p.28)

Para efeito analítico, cabe-nos, neste ponto, apresentar um sucinto resumo do desenrolar da trama conradiana, ressaltando seus aspectos críticos e tentando transmitir ao nosso leitor a atmosfera caótica e envolvente criada pelo autor.

DESENVOLVIMENTO

Assim, a novela pode ser descrita como uma “história na história” – como nos explica Luiz Felipe de Alencastro, em seu posfácio à edição de *Coração das trevas* lançada em 2008 –, uma vez que se inicia com um narrador implícito, anônimo, que aparece raras vezes no decorrer da narração, apenas para pontuar e introduzir as falas do narrador principal, Marlow. No entanto, estas escassas aparições trazem-nos aspectos deveras reveladores da personalidade e do estilo narrativo de Marlow: “[...] para ele o significado de um episódio não residia no seu miolo, como um caroço, mas do lado de fora, envolvendo a narrativa [...]” (CONRAD, 2008, p.28). Podemos entender, dessa forma, que Marlow gostava de atribuir, por assim dizer, certa metafísica em seus relatos, o que acaba por abrir múltiplas possibilidades de interpretação à sua narrativa.

Contando a colegas, a bordo de uma iole de cruzeiro ancorada no Tâmisia, mais uma de suas “experiências inconclusivas”, Marlow, “um homem do mar”, começa a história de sua expedição à África ocorrida anos antes e de seu progressivo envolvimento com os mistérios que circundam a Companhia e os

funcionários dela, inclusive o mais proeminente de todos, o General Kurtz, em torno do qual se desenrolará diversas especulações e sugestões que darão forma à segunda parte do livro.

Desde a chegada a Bruxelas, descrito como um “sepulcro caiado de branco” (CONRAD, 2008, p.19), já percebemos o predomínio de um clima tenso e nebuloso, com a peculiar caracterização da cidade, que se mostra apenas em relances, preferindo a sombra e as trevas à revelação clara de suas ruas e construções.

Contudo, esse é apenas o ponto de partida para uma trama de informações cruzadas e perdidas na qual Marlow começaria a se envolver ao mergulhar cada vez mais fundo no coração das trevas africanas:

A melhor maneira que encontro para lhes explicar o que senti é dizer que, por um ou dois segundos, foi como se, em vez de estar rumando para o centro de um continente, eu estivesse prestes a partir com destino ao centro da Terra. (CONRAD, 2008, p.24)

Após seu embarque à África e sua passagem por alguns entrepostos comerciais ao longo do rio “[...] com a única finalidade [...] de lá desembarcar militares e funcionários aduaneiros” (CONRAD, 2008, p.24), Marlow finalmente encontra-se na embocadura do grande rio, fascinante, mortífero, que se desenrola pelo continente, adentrando suas profundezas mais nebulosas, assim como o livro de Conrad parece fazer conosco, quando nos faz adentrar nos dramas existenciais e conflitivos do homem que perde todas as suas referências “civilizadoras” e encara a natureza crua e selvagem à sua frente.

É então que nosso protagonista ouve pela primeira vez o nome do homem cujo resgate motivará o restante de sua missão no continente: Sr. Kurtz. O que encontramos a seguir é a narração do caminho que Marlow percorrerá até seu encontro com o enigmático general. Durante essa parte do livro, crescem as expectativas acerca de quem é esse sujeito capaz de causar tamanha mobilização da Companhia e tão

evidente reverência de seus funcionários. É nesse ponto que o autor toca mais profundamente nas tormentas da alma humana ao se deparar com uma realidade distinta da idéia de civilização conhecida. Tais dramas marcaram profundamente a relação dos europeus com os nativos, a forma como o colonialismo agia nesse território e a relação do europeu colonizador com ele mesmo.

Ao encontrar o macabro refúgio no qual se achava Kurtz, Marlow conhece o jovem russo com aparência de arlequim que acompanha e venerava o General. Quando o encontro entre Marlow e o Kurtz ocorre, o autor nos mostra toda a demência e genialidade deste, que se valeu de sua apurada retórica para dominar grupos étnicos africanos com o intuito de acumular mais marfim para a Companhia. Encontrando-o em seus últimos dias de vida, Marlow consegue compreendê-lo e é o único que tem a chance de escutar suas últimas palavras: “O horror. O horror.” (CONRAD, 2008, p.109), provavelmente referindo-se à situação caótica na qual se encontrava a África, quando vista e analisada pelos olhos de um homem capaz de dizer: “Exterminem todos os brutos.”

Cabe-nos, neste momento, um breve momento de reflexão no que concerne ao próprio nome do livro: *Coração das trevas*. A referência à palavra *trevas* já se faz presente logo no início da narrativa de Marlow, quando este afirma com relação à Britânia antes da chegada dos romanos: “Aqui também [...] foi um dos lugares tenebrosos da Terra.” (CONRAD, 2008, p.12). E, na página seguinte, explica-se o narrador:

Estava pensando nos tempos muito antigos, quando os romanos chegaram aqui pela primeira vez, mil e novecentos anos atrás – tão pouco tempo... A luz emanou desse rio [rio Tâmis] depois disso – os cavaleiros, vocês dirão? Sim; mas ela não é mais que uma labareda que corre pela planície, um clarão de raio atrás das nuvens. Vivemos ao fulgor trêmulo do bruxuleio – e espero que ele perdure enquanto a velha Terra continuar rolando! Mas as trevas ficavam aqui ainda ontem. (CONRAD, 2008, p.13)

Mais adiante, agora se referindo ao início da desbravação e exploração cometidas pelo homem branco na África durante o século XIX e meados do XX, Marlow diz:

Deixara de ser um espaço em branco dominado por um mistério fascinante – uma extensão vazia que os meninos podiam ocupar com sonhos de glória. Transformara-se num lugar escuro, tomado pelas trevas. (CONRAD, 2008, p.16)

A partir de ambas as citações, podemos revelar um claro paralelismo traçado pelo narrador ao refletir sobre a condição de determinados territórios antes e após seu envolvimento e posterior submissão com grandes potências. Trata-se da relação entre civilização e luz e sua contraposição dialética com a barbárie e as trevas. Assim, temos que Roma e, posteriormente, algumas nações européias (encabeçadas pela Inglaterra), carregariam consigo a “luminosidade resplandecente” do progresso e da ordem, com a qual tentariam moldar e domar as regiões por elas ainda desconhecidas.

No caso do empreendimento romano, tal tentativa teria se mostrado válida e, de certa forma, duradoura, como assinala Marlow na página treze (cf. citação acima). Contudo, no que concerne ao imperialismo europeu, essa “aura de civilização” levada à África teria servido apenas para tornar mais evidente as trevas africanas.

Assim, temos que as trevas poderiam ser tidas, a partir desta correlação de ideias, como “a selvageria crua e intocada pelo homem civilizado”, aquele lugar no qual o europeu colonizador pode estabelecer um contato íntimo com a natureza que o circunda, e, também, com a sua própria natureza humana, sem “as barreiras protetoras da civilização”.

Teria sido esse o ocorrido com o Joseph Conrad, quando o próprio empreende, entre 1890 e 1891, a serviço da Societé Anonyme Belge pour le Commerce du Haut-Congo, uma introspecção pelo continente africano? Ao adentrar as trevas daquele continente, nosso autor vai

ao encontro, assim como Marlow e Kurtz, do “coração” da África, o centro quase incomunicável daquela imensidão “tenebrosa e bárbara”, a região que hoje corresponderia à República Democrática do Congo, então posse particular do rei da Bélgica Leopoldo II.³

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de finalização, é-nos válido ressaltar a contemporaneidade de algumas das reflexões expostas em *Coração das trevas*, como, por exemplo, a abordagem da violência utilizada pelo agente repressor em detrimento das tentativas de sobrevivência dos que buscam manter sua autonomia política e cultural. Tal quadro histórico se repete, guardada as devidas proporções, na Guerra do Vietnã, retratada magistralmente por Francis Ford Coppola em seu *Apocalypse Now!* (1979), filme cuja base concentra-se nos dramas e personagens retratados em *Coração das trevas*.

Dessa forma, temos que, apesar de inserido dentro de um determinado contexto de fatos e consequências inerentes à dinâmica imperialista oitocentista, a obra de Joseph Conrad merece o *status*, por assim dizer, de clássico da literatura inglesa e mundial, por tratar de temas que, inegavelmente, não cabem no tempo.

BIBLIOGRAFIA

CONRAD, Joseph. *Coração das Trevas*. Tradução Sergio Flaksman. (Original publicado na Inglaterra - *Heart of Darkness*. 1902) São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

³ “Leopoldo II manipulou as rivalidades das potências européias e até o governo americano para obter, na Conferência de Berlim de 1885, a propriedade do território depois denominado Estado Livre do Congo.” (ALENCASTRO, 2008, p.116)

